

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

SOBRE AS SEMELHANÇAS ENTRE O SABER ÉTICO E O SABER TÉCNICO¹ **ABOUT THE SIMILARITIES BETWEEN ETHICAL KNOWLEDGE AND** **TECHNICAL KNOWLEDGE**

Vitor Hugo Balest Piovesan²

¹ Ensaio teórico desenvolvido no contexto da disciplina de Ética e Educação, do curso de Mestrado em Educação nas Ciências da Unijuí.

² Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestrando em Educação nas Ciências pela UNIJUI.

RESUMO

Este ensaio consiste num esforço em pensar o que é a ética enquanto tipo de saber. Procuraremos fazê-lo tencionando com outro saber clássico que é o da técnica, para assim tentar traçar aproximações e distanciamentos. Como tentativa de elaboração, nos apoiaremos aqui nas interpretações de Platão, Gadamer e Heidegger. Apesar de ser uma aproximação assumidamente forçada, veremos que ambos saberes tem muitas aproximações, desde a crítica platônica aos sofistas, até o atual cenário tecnológico. Defendemos, que a técnica é *expansiva*, no sentido de favorável aos *desejos*, enquanto a ética é *contentiva*, e portanto age guiada pela vontade. Por isso, a técnica requer um atravessamento perene pela ética.

Palavras-chave: ética; técnica; virtude

ABSTRACT

This essay consists of an effort to think about what ethics is as a kind of knowing. We will try to do this by intending with other classical knowledge that is the technique, in order to try to draw approximations and distances. As an attempt to elaborate, we will rely here on the interpretations of Plato, Gadamer and Heidegger. Although it is an overtly forced approach, we will see that both knowledge has many approaches, from the Platonic criticism to the sophists, to the current technological scene. We argue that the technique is expansive in the sense of favoring desires, while ethics is contentious, and therefore acts guided by the will. Therefore, the technique requires a perennial crossing through ethics.

Key words: ethic; technique; virtue

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio consiste num esforço em pensar o que é a ética enquanto tipo de saber. A inspiração para tal vem do diálogo *Protágoras*, onde Platão por primeiro realiza esta tentativa. Procuraremos fazê-lo tencionando com outro saber clássico que é o da técnica, para assim tentar traçar aproximações e distanciamentos. Também pela questão de a técnica ter dominado nosso cotidiano, suscita procurar entender seu entrelaçamento com a ética e o que de ambas podemos esperar no que toca a convivência humana.

2. PLATÃO E A CRÍTICA AOS SOFISTAS

De início, temos na crítica de Platão aos sofistas um aspecto importante. Platão, como sabemos, percebia na sofística uma técnica educativa perversa que não tencionava entre o bem e o mal. O sofista pautava-se pelo cálculo do melhor, do mais útil (VALLE, 2001), mesmo que não de uma maneira cínica. Faltava-lhes uma noção de bem universal, faltava-lhes uma...ética.

Percebendo o problema, Platão trata de investigar as “virtudes humanas”, como exposto no diálogo *Protágoras*, quando seu interlocutor Sócrates questiona ao maior dos sofistas se a virtude era de fato algo que se pudesse ser ensinada. Sabemos que a virtude (Aretê) para os gregos tinha a ver com a realização da própria essência, aquilo pelo qual a pessoa tem algum dom, seu lugar de alinhamento no cosmos[1]. Mas no mesmo texto, vemos a virtude sendo desmembrada em pelo menos seis qualidades: justiça, sensatez, piedade, respeito, sabedoria e coragem. O prosseguimento do diálogo leva a diferenciação dos saberes das *ciências*[2], deste que Platão chama de virtude, o qual mais tarde patrocinaria a noção moderna de moral e ética. Citando Paviani (2008, p.37):

Na perspectiva de Platão, desde que se entenda a virtude em toda sua dimensão original, a pergunta que indaga pela essência da *arete* é a mesma pergunta que indaga pela possibilidade de formar e desenvolver moralmente o ser humano. Portanto, a possibilidade de tornar o ser humano virtuoso significa o mesmo que poder educá-lo. Todavia, diante dessa questão, deve-se introduzir uma observação pontual. Enquanto hoje indagamos pela educação, deixando de lado ou esquecendo a dimensão moral, em Platão a educação é sinônimo de busca da *arete*, da educação vista como um processo essencialmente ético.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

Com Aristóteles a confusão entre os diferentes significados presentes no conceito de virtude começa a ser distinguida, para fundar a ética como uma nova disciplina filosófica.

2. GADAMER E AS DIFERENÇAS ENTRE OS SABERES ÉTICO E TÉCNICO

Segundo Gadamer (2006), Aristóteles desfaz a identificação da virtude (*Aretê*) com o saber (*Logos*), introduz o elemento do desejo e o papel que a razão deve assumir no comportamento ético. O termo *ethos*, que significa repetição (prática) e hábito, estaria na base da *Aretê*, que por sua vez, está diretamente ligado ao próprio significado semântico da palavra ética, tal qual nós a conhecemos.

Gadamer (2006) analisa esse problema da ética como um saber que possa ser ensinado/adquirido, comparando o saber ético e o saber técnico a partir dos gregos, sobretudo com Aristóteles. Faz isto tendo como pano de fundo a relação entre as formas de aprender a partir de teoria e prática. Para ele, saber ético e saber técnico tem em comum o fato de constituírem-se em saberes não abstratos, destinados a conduzir uma ação prática. Da mesma forma, ambos não podem ser forjados unicamente pela prática: é sempre necessário um direcionamento a partir de um saber prévio (teórico)[\[3\]](#).

O saber ético constituir-se-ia num *saber-para-si*, como definiu Aristóteles, com a função de “encontrar, numa situação concreta, o que é justo”[\[4\]](#) (GADAMER, 2006, p.51), o que encontraria correspondência no saber técnico, na figura de um artesão prestes a fabricar algum objeto, dadas determinadas condições materiais e meios. A diferença radical aqui, é que o homem não dispõe de si mesmo (e dos outros) como o artesão dispõe de seus materiais. O próprio Aristóteles faz a ressalva de que “não se trata de querer atingir no domínio do ético um grau de exatidão tão elevado quanto na matemática; nas situações humanas em que nos encontramos, tal aspiração nos levaria a perder de vista nosso próprio objetivo”[\[5\]](#) (GADAMER, 2006, p. 48).

Gadamer (2006) elenca três grandes diferenças entre os dois tipos de saberes, de acordo com a doutrina de Aristóteles. A *primeira* refere-se à característica de que, em se tratando de ética, o homem sempre está em uma situação-ação, mesmo que ele não queira. O sujeito se vê obrigado a agir de uma ou de outra forma, e com isto está lidando com situações que dizem respeito aos dilemas morais e/ou éticos. Poderíamos pensar o quanto a ética, enquanto saber, lhe amplia essa capacidade de interpretação. O saber técnico, ao contrário, é optativo, pode-se realizá-lo ou não, adquirí-lo ou abandoná-lo.

Em *segundo*, destaca-se a diferença entre a maneira de lidar com fins e meios. O saber técnico

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

pode ou tenderia a assumir caráter finalista. O saber ético, diferentemente, está sempre reavaliando os meios e repensando a ação final. Até porque, no saber ético, os fins nunca se apresentam de um modo totalmente determinados, como na técnica, o que torna a decisão de quais são os meios justos, um problema. Por isso, quando se diz, “os fins justificam os meios”, pode-se suspeitar de um abandono da dimensão ética.

A *terceira*, e última das diferenças citadas por Gadamer, é que o saber ético inaugura e implica uma relação notável do sujeito consigo mesmo, coisa que não se percebe no saber técnico. A isto se associam afetos, como no caso do fenômeno da “compreensão”. A compreensão é uma questão de pertencimento, pois não se trata de compreender o outro da maneira técnica do psicólogo, mas de pôr-se em seu lugar, algo primordial para efetuar um julgamento imparcial. Por isso, alguns definem a ética como o “agir como se amasse”, pois onde há amor, não careceria de ética para uma ação desinteressada – o problema estaria onde não se ama.

Por isso, ao concluir, o autor enfatiza que a ética tem a ver com uma noção de discernimento muito diferente da técnica. Discernimento que é a virtude de saber julgar imparcialmente a situação do outro, fazendo uso da inteligência para além do próprio proveito.

3. A (NÃO) FORMULAÇÃO HEIDEGGERIANA PARA A ÉTICA

Até aqui se pode perceber que a relação entre ética e técnica existe, porém, desde Platão, os seus rumos no caminho do pensamento seguem divergentes. Às vezes, até demasiadamente, ao ponto de não mais reconhecermos suas inter-relações. Foi o que alertou Heidegger, por exemplo, à sua própria maneira.

Heidegger discordaria em muitos aspectos do exposto até aqui. Para ele, a ética não se constitui nada mais que em uma disciplina filosófica tardia (assim como a física e a lógica) em relação ao pensamento originário do Ser, como resultado de uma desorientação sofrida pelo homem, quando teve seu mundo modificado pelos preceitos e regras da técnica, na qual ele (o homem) passa a depositar toda sua confiança (DUARTE, 2000). A ética tradicional, para ele, se situa no nível ôntico, paradoxalmente, mais próxima da biologia ou de uma filosofia cientificista, do que implícita na ontologia fundamental, que deveria ser seu verdadeiro lugar - mesmo que não de maneira explícita. Para Heidegger, o compromisso ético é algo maior, que se relaciona com o pensamento do ser, como sugere na *Carta sobre o humanismo*: repensar a “essência do *ethos*”, como a “morada do homem” (HEIDEGGER, 1995, apud DUARTE, 2000).

Compreende-se assim que a recusa heideggeriana em escrever uma ética não significa tornar o próprio pensamento imoral, mas é a própria condição para se investigar mais a fundo o que está em jogo na atual

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

desorientação humana, que reclama insistentemente por diretrizes práticas e valores morais. Recusar-se a escrever a doutrina ética exigida pelos homens do presente é recusar-se a escrever com as tintas da metafísica, evitando comprometer o pensamento com as próprias causas de nosso dilema. (DUARTE, 2000, p.77)

Daí viria, como sugere Maurer (2000), o sonho Heideggeriano de reinventar a humanidade mais de acordo com a essência da técnica - coisa que vislumbrava no nazismo, antes da guerra. Mas este sonho se vê refutado após ela, porque, na perspectiva de Maurer (2000), a guerra ensinou a Heidegger que, de ambos os lados (nazismo, fascismo, liberalismo, comunismo,...), é ingênuo pensar a técnica como um mero instrumento nas mãos do homem que disporia dela livremente[6]. Não por acaso, mais tardiamente ele proporá a necessidade de uma atitude de serenidade (dizer sim ou não) com relação à técnica, bem como suscitará o alargamento da ética estendida para todos os entes, que foi incorporada pelo discurso ambientalista (Hans Jonas).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dias atuais impõem ao “saber ético”, se assim quisermos chamá-lo, situações cada vez mais complexas. A ética deixou de ser um conceito simples, por vezes confundido com o de moral (embora não tenha jamais o perdido de vista), para abranger também toda a implicação com relação às possibilidades da técnica e da tecnologia, e para ainda além, estendendo suas reflexões para com as próximas gerações. As investidas de Heidegger, neste sentido, parecem terem surtido um efeito inesperado em prol da ética, que chegou a culminar com a tese de Lévinas de pensá-la como uma “filosofia primeira” (DUARTE, 2000).

Sem dúvida, caberia uma análise mais abrangente desta perspectiva, porém, ao contrário de Heidegger, acreditamos que a ética tal como tem sido tratada nos dias atuais, foge de uma mera abordagem “cientificista”, própria de uma saber técnico. Isto porque, os valores modernos, pautados pelos ideais de democracia, igualdade, liberdade, individualidade, etc, associados com a globalização, a tecnificação e a miscigenação cultural, são tão fortes, a ponto de a ética ter se tornado uma espécie de *instância legítima de reflexão sobre as possibilidades da melhor convivência*[7]. Não mais a moral (pura e simples), não mais a religião, não somente as leis. Agora, mais do que nunca, a ética de maneira explícita e racionalizada. Embora ética só se dê no âmbito da prática, ela requer teoria, pois é na reflexão (sobre a ação) que ela se assenta, analogamente a um saber técnico.

Quanto ao que Heidegger chamou de “desorientação” do homem moderno, podemos vê-la como a

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

obsolescência/defasagem de uma moral vigente (a cristã, no caso do ocidente) em dar conta da complexificação do mundo e das relações propiciadas pela revolução científica. O aumento da complexidade das relações, em grande parte, intermediadas pela técnica (inclusive na dimensão econômica), pelo poder que a humanidade adquiriu sobre a natureza e na capacidade de influenciar no seu meio em escala global, exigiu com que a ética emergisse naturalmente como uma alternativa de intermediação possível frente a essa realidade. Um idealismo necessário para a boa (possível) convivência.

Essa “emersão” se dá na forma da organização da ética como um tipo de saber, de uma disciplina ou tema. Muitos podem considerar que não seja a melhor estratégia, nas instituições de ensino, por exemplo, tratá-la na forma de disciplina isolada tal quais as disciplinas ditas científicas, mas sim, “dispersa” nas suas situações-ações demandantes. Mas abordá-la de maneira específica, pelo viés filosófico, ou por uma “história da ética”, não deixa de sê-la potencializadora: é como se fosse uma “meta-ética”, no “pensar sobre o que se pensa” em ética. Lembrando sempre, que não se trata de um saber acabado, mas em permanente construção de acordo aos dilemas que se impõem.

Isso denota que a intenção de Heidegger fora ingênua, ainda que valorosa. Pois no que tange a virtude, no seu duplo sentido grego abordado inicialmente, ambos saberes são partícipes da possibilidade de fruição de uma vida dita “virtuosa”. O que poderia ser acrescentado, no entanto, talvez seja a ideia de que a técnica é *expansiva*, no sentido de favorável aos *desejos*, enquanto a ética é *contentiva*, e portanto age guiada pela vontade. Agir pela vontade é agir quando a mente já racionalizou o desejo e sua possibilidade de efetuação, ou não – esta é a essência da ética.

E se é verdade, como dizem, de que tudo o que a técnica tiver possibilidade ela fará, justamente por isso, ela requer um atravessamento externo, um outro saber, que lhe devolva a possibilidade crítica. Neste ponto, se nota a dicotomia que se criou entre os saberes ético e técnico, a tal ponto de haver um estranhamento entre eles, e, mesmo assim, nós acharmos muito normal. Isso é o que faz da crítica platônica aos sofistas perene.

REFERÊNCIAS

DELIZOICOV, Demétrio; AULER, Décio. **Ciência, Técnica e Formação Social do Espaço: questões sobre a não neutralidade.** Alexandria. v.4, n.2, nov. 2011. p. 247-273.

DUARTE, André. **Por uma ética da precariedade:** sobre o traço ético de Ser e Tempo. Natureza Humana. 2000. p. 71-101.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

GADAMER, Hans-Georg. Conferência 4: O problema hermenêutico e a ética de Aristóteles. In: FRUCHON, Pierre (Org.). **O Problema da Consciência Histórica**. Trad. de Paulo César Duque Estrada. 3ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 47-56.

MAURER, Reinhart. **O que existe de propriamente escandaloso na filosofia da técnica de Heidegger**. Tradução de Oswaldo Giacoia Júnior. Revista Natureza Humana 2(2): 403-427: 2000.

PAVIANI, Jaime. A virtude ou excelência humana em educação. In: __. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 35-37.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Olga Pombo da versão portuguesa de Ana da Piedade Elias Pinheiro. 1999.

VALLE, Lílian do. Tecnologia: a educação frente à questão de seu sentido e de seus limites. **Logos**, v. 8, n. 1, 2001. p. 21-26. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14767/11215>>. Acesso em: 10 Dez. 2017.

[1] Sobre o conceito de Aretê, cito Platão (1999, nota da tradutora, p. 17): “Aretê (adaptação, excelência, virtude) é uma palavra de origem grega que expressa o conceito grego de excelência, ligado à noção de cumprimento do propósito ou da função a que o indivíduo se destina. No sentido grego, a virtude coincide com a realização da própria essência, e, portanto, a noção se estende a todos os seres vivos. Segundo Sócrates, a virtude é fazer aquilo que a que cada um se destina. Aquilo que no plano objetivo é a realização da própria essência, no plano subjetivo coincide com a própria felicidade”. Não é curioso e semelhante, ao fato de que muitas pessoas se dizem “realizar” (existencialmente) pelo seu saber técnico?

[2] Na concepção grega de aquilo que pode ser ensinado.

[3] Lembrando que a *techné* grega é conceitualmente distinta da técnica atual; para os gregos a *techné* relacionava-se muito mais com o trabalho artesanal, artístico ou de fabricação de utensílios. É somente mais tarde, com a ciência moderna, que a *epistemé* (o conhecimento) passaria a participar da ideia de técnica tal qual nós a conhecemos como uma maneira de manipulação de todos os entes, num viés muito mais utilitarista do que artístico (KOYRÉ, s.d. apud DELIZOICOV et.al., 2011).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXIII Jornada de Pesquisa

[4] Gadamer (2006) depois acrescenta: e livre de paixões.

[5] Na frase podemos perceber a intenção de aproximação da hermenêutica gadameriana com a filosofia aristotélica, aspecto central do texto/livro citado.

[6] Tomado por este problema também esteve Einstein, no contexto da Segunda Guerra, quando, em uma fala atribuída a ele, teria afirmado: “a muito a tecnologia que desenvolvemos ultrapassou nossa moral: sabemos muito sobre estrelas, mas não sabemos como fazer amizades com nossos vizinhos”.

[7] Com isso, a ética vai além da moral, podendo inclusive questionar sobre as definições de *bem* e *mal*. Bem e mal são conceitos relativos a uma dada sociedade, época, local, cultura, etc., e ao contrário do que possa parecer, não estão “escritas nas estrelas”. O que pode ser o bem para um, pode não sê-lo para outro, e vice-versa. As noções de bem e mal na ética moderna (ocidental), por exemplo, são crivadas de valores da religião cristã, e da sua reconfiguração pela filosofia moral kantiana. Muito diferente da perspectiva grega, cuja ideia de bem se aproximava da virtude. Mas nada disso impede que se possa encontrar alguma universalidade na ideia de bem entre as culturas, sendo que as características humanas básicas são sempre as mesmas (proteção da vida, redução da dor, etc).